

ESG: uma aeronave que já decolou, mas precisa voar mais alto¹

Roberta Andreoli²

A agenda ESG, imprescindível para a sustentabilidade dos negócios contemporâneos, é um dos principais desafios da aviação.

Começando pelo eixo ambiental, se o setor é um dos mais poluentes, respondendo, de acordo com a International Air Transport Association (IATA), por cerca de 2,5% das emissões de carbono no planeta, é, também, um dos mais engajados na mudança de paradigmas.

Para atingir suas metas - entre elas a de carbono neutro até 2050, aderida por 193 países, incluindo o Brasil, durante a 41ª Assembleia da International Civil Aviation Organization (ICAO), em 2022 - o setor vem trabalhando, globalmente, em quatro principais vetores: tecnologia, biocombustíveis, mecanismos de captura e compensação de CO2 e melhorias operacionais, como rotas otimizadas e gestão de resíduos de voo.

Com o investimento tecnológico, a aviação civil busca frotas e sistemas disruptivos, como aeronaves à propulsão elétrica, híbrida e a hidrogênio.

A eletrificação, por exemplo, é uma realidade cada vez mais próxima para trajetos de curto e médio alcance com a forte implementação das operações aéreas de transporte de carga e insumos com drones e a chegada dos eVTOLs (sigla em inglês para electric vertical take-off and landing) ao mercado nos próximos anos.

Nesse aspecto, é importante destacar que mais do que lançar novas tecnologias, precisamos que seu desenvolvimento seja viabilizado por infraestrutura,

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/empresas/esg/artigo/esg-uma-aeronave-que-ja-decolou-mas-precisa-voar-mais-alto.ghtml>

Acessado em 19.02.2024

² Sócia do Leal Andreoli Advogados e presidente da Comissão Especial de Direito Aeronáutico da OAB-SP

controle do espaço aéreo, regulamentação e aderência de passageiros/usuários aos novos modais.

Outra alternativa, considerada, hoje, o condutor da descarbonização, são os Combustíveis de Aviação Sustentável (SAF), capazes, segundo a IATA, de responder por cerca de 65% da redução de emissões da indústria.

O ponto forte dessa solução é a semelhança molecular entre os biocombustíveis e os combustíveis fósseis, dispensando a necessidade de adaptação mecânica das aeronaves. Já o obstáculo, é a viabilidade econômica, que deve conciliar produção em larga escala e custos operacionais competitivos.

No Brasil, país com vocação para ser um dos maiores produtores de SAF do mundo, faltam, ainda, um arcabouço jurídico adequado à realidade nacional e incentivos financeiros e tributários para alavancar o segmento de energias renováveis.

No que se refere aos mecanismos de captura e compensação, desde de 2013, a Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) apresenta normativos regulamentando o tema, sendo que a última atualização se deu em 2023 com a abertura de Consulta Pública propondo novo regulamento, integrado ao programa Carbon Offsetting and Reduction Scheme for International Aviation (CORSIA), sobre os requisitos de monitoramento, reporte e verificação das emissões de CO₂ na aviação, bem como as obrigações de compensação dos operadores aéreos de voos internacionais.

O fato é que não existe, até aqui, uma bala de prata para responder sozinha pela sustentabilidade da aviação, mas adotando uma visão holística e sistêmica, o setor tem potencial para ser o grande fomentador de tecnologias verdes.

No pilar social, tão desafiador quanto o ambiental, precisamos ultrapassar as barreiras de um mundo estruturado pela misoginia, racismo e capacitismo, ou seja, superar um caldo cultural pouco adepto à diversidade.

Apesar de algumas evoluções, a presença masculina ainda é predominante na aviação: um levantamento da ICAO revelou que apenas 4,94% da força de trabalho global empregada no setor, entre pilotos, controle de tráfego aéreo e times de manutenção, é feminina. A IATA também destaca que apenas 6% dos chefes executivos de empresas aéreas são mulheres.

O mercado aéreo brasileiro, que já é pequeno para profissionais brancas, é ainda menor para as negras: de acordo com a Organização Quilombo Aéreo e a UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) não existem pilotas negras operando em linhas áreas nacionais. Entre as razões que desestimulam a concentração feminina no setor, estão a falta de informação sobre a carreira, baixa representatividade, machismo e assédio.

Em matéria social, os aeroportos apresentam avanços mais significativos, com a melhoria da acessibilidade em sua infraestrutura – intérpretes de libras no atendimento a passageiros, aumento no número de elevadores para embarque e desembarque de cadeirantes, sinalização adequada, rampas de acesso, banheiros adaptados, balcões acessíveis.

Como uma indústria global e altamente complexa, a aviação também precisa dar respostas significativas em termos de governança. Avanços recentes têm sido feitos para aumentar a transparência nas operações e decisões das companhias aéreas, com foco crescente na divulgação de informações financeiras e operacionais. Iniciativas, como a padronização de relatórios ESG específicos para o setor, têm sido promovidas por organizações internacionais, visando criar uma base de dados mais consistente e comparável.

A indústria aérea envolve uma ampla rede de stakeholders, incluindo governos, reguladores, companhias, empresas prestadoras de serviços aéreos especializados e passageiros. A coordenação eficiente entre essas partes é crucial para garantir uma governança sólida. O desenvolvimento de padrões corporativos mais rigorosos aliado à implementação eficaz de práticas de gestão de riscos é essencial para promover uma cultura de transparência e responsabilidade.

A segurança é outro aspecto que precisa ser olhado com mais atenção. Relatórios recentes da Federal Aviation Administration (FAA) demonstram que falhas e incidentes potencialmente perigosos acontecem semanalmente nos Estados Unidos, país que tem o sistema mais seguro do mundo. A questão também é preocupante no Brasil: apenas no primeiro trimestre de 2023, o Sistema de Prevenção e Acidentes Aeronáuticos (SIPAER) registrou 48 acidentes aéreos, no maior número dos últimos cinco anos.

Apesar de a agenda ESG apresentar grandes desafios, a proatividade do setor em implementar novas soluções demonstra sua capacidade para alçar voos mais altos.